

Forma

Diálogos da Luz e da Sombra

Um Olhar fotográfico

Prof. Fabrício Fernandino
Escola de Belas Artes da UFMG

Primavera no Museu
Setembro de 2013

Centro Especializado em Arte e Educação Ambiental

Alegria.

Era uma daquelas tardes mornas , luminosas, de um tempo úmido e outonal. Eu acabara de chegar no parque do Rio Preto para um visita mais prolongada e solitária. Naquele momento meu espírito era pleno pela alegria de ter um novo tempo para o sentir. Respirava com profundidade o cheiro da brisa e enchia meus pulmões de luz.

Descera da caminhonete e experimentava a paisagem antes de tudo. Eu estava ali, único, naquela colina que circundava a casa de hospede.

À minha direita, além dos campos rupestres, uma paredão de pedra descortinava do sul ao norte . Dourado pela luz do entardecer, quase que obrigava , incisivo, meu olhar a permanecer voltado para o infinito, naquela linha limite , entre o sólido e o imponderável, naquela fronteira entre as pedras íngremes e um céu de um azul já cobalto.

A esquerda a luz ofuscante, do sol rasante, entrecortada pelo verde água dos campos, cerrados de arvores tortuosas e gramíneas ondulantes , saborosas à brisa.

Ali, ao som do silêncio, eu respirava luz.

Não me atrevi a buscar pelo abrigo da casa. Queria me aventurar, me embriagar naquele estado de contemplação.

Silenciosamente voltei-me para o sul. Desci a colina trilha abaixo. Aquela terra umedecida, de pedregulhos soltos e brancos, mantinha mudo o meu caminhar. Quando parava para descortinar a paisagem, o que fazia com mais frequência que meus passos, o mundo transbordava em silêncio, salvo um raro zumbido de um inseto ou um piar longínquo de uma profunda nostalgia.

Entardecia com uma dignidade jamais sentida.

Um pequeno curso d'água entrecortava o fim da trilha alagando todo espaço. Eu podia agora ouvir o amarfanhado da vegetação pisada somada ao gorgolhar da água que acariciava as pedras.

Acompanhei aquele rio criança.

Desci a colina, seguindo o curso d'água e adentrando a uma pequena mata... sentia de súbito uma profunda mudança da ambiência.

Agora, obscurecida pela luz filtrada em suas folhagens a vegetação se adensava... Silêncio surdo.

O pouco som existente era abafado e respeitoso frente à magnífica dança de luzes e de sombras.

Aquela luz dourada conseguia penetrar nas poucas cavidades da folhagem, projetando linhas diagonais luminosas, possíveis pela bruma que emanava de um chão umedecido.

Era uma tarde silêncio.

Estático, estupefato, me deparei com uma clareira de solo empossado pela água límpida, totalmente pontilhada pela luz. Joia de raridade única. A terra, a água, o ar morno e a luz confabulavam seus mistérios.

Quase tudo estático, um majestoso cenário para um bailar.

Miríades de borboletas, brancas e amarelas dançavam...

Um rodopiar contínuo. Se acariciavam e se deleitavam com sua própria imagem refletida nas pequenas poças de água e de luz.

Era a dança do amor.

Eu estava ali em meio aquele turbilhão de seres amorosos que preenchiam todo espaço à minha volta e preenchiam minha alma.

Eu estava ali estático e me transformava em nevoa, branca e transparente.

Esculturas da Luz
Setembro de 2002

Primeiro dia
Parque Estadual do Rio Preto











Segundo dia
Parque Estadual do Rio Preto











Terceiro dia
Parque Estadual do Rio Preto







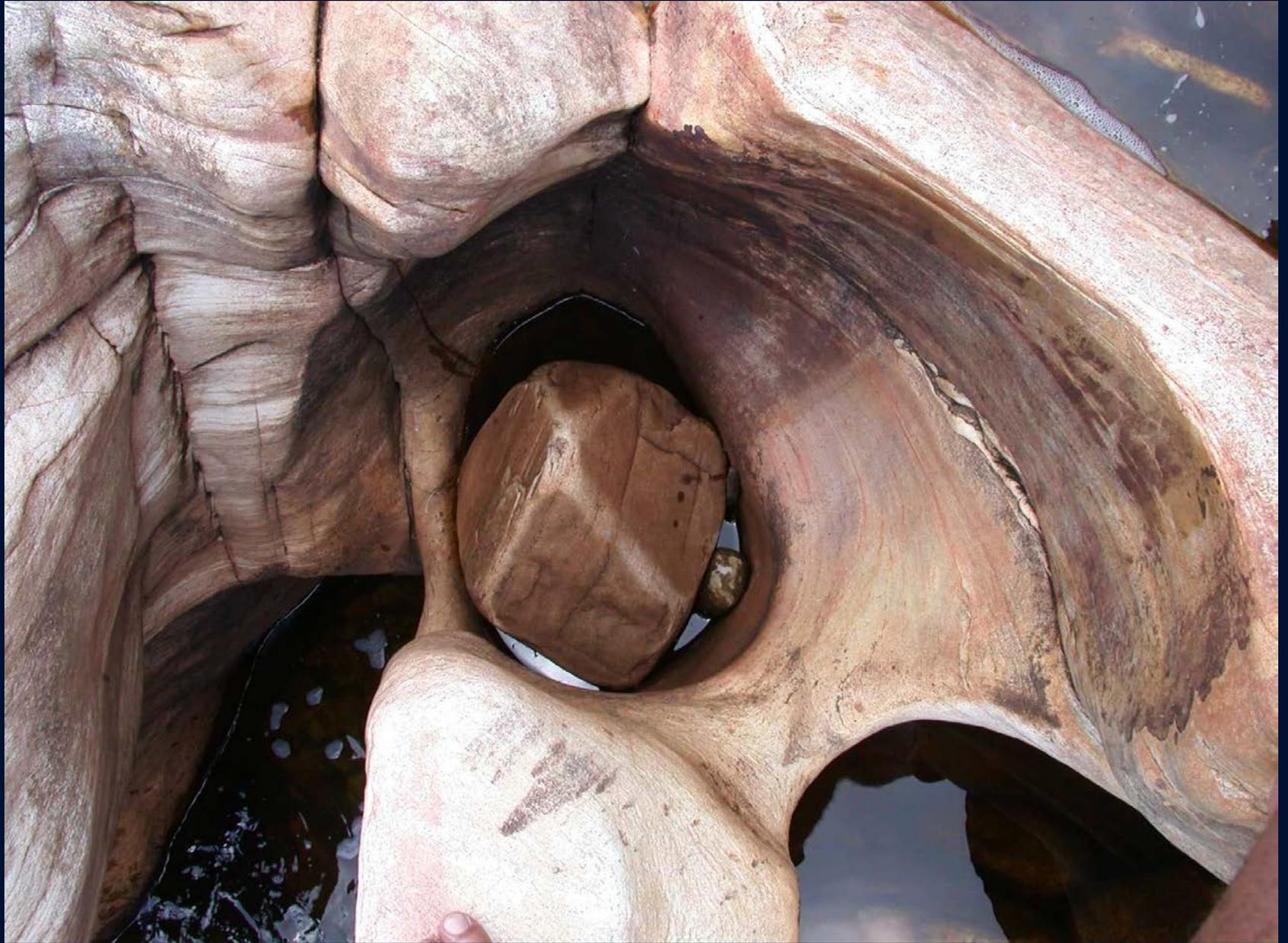




Quarto dia
Parque Estadual do Rio Preto











Quinto dia
Mercado velho- Diamantina













Imagens selecionadas

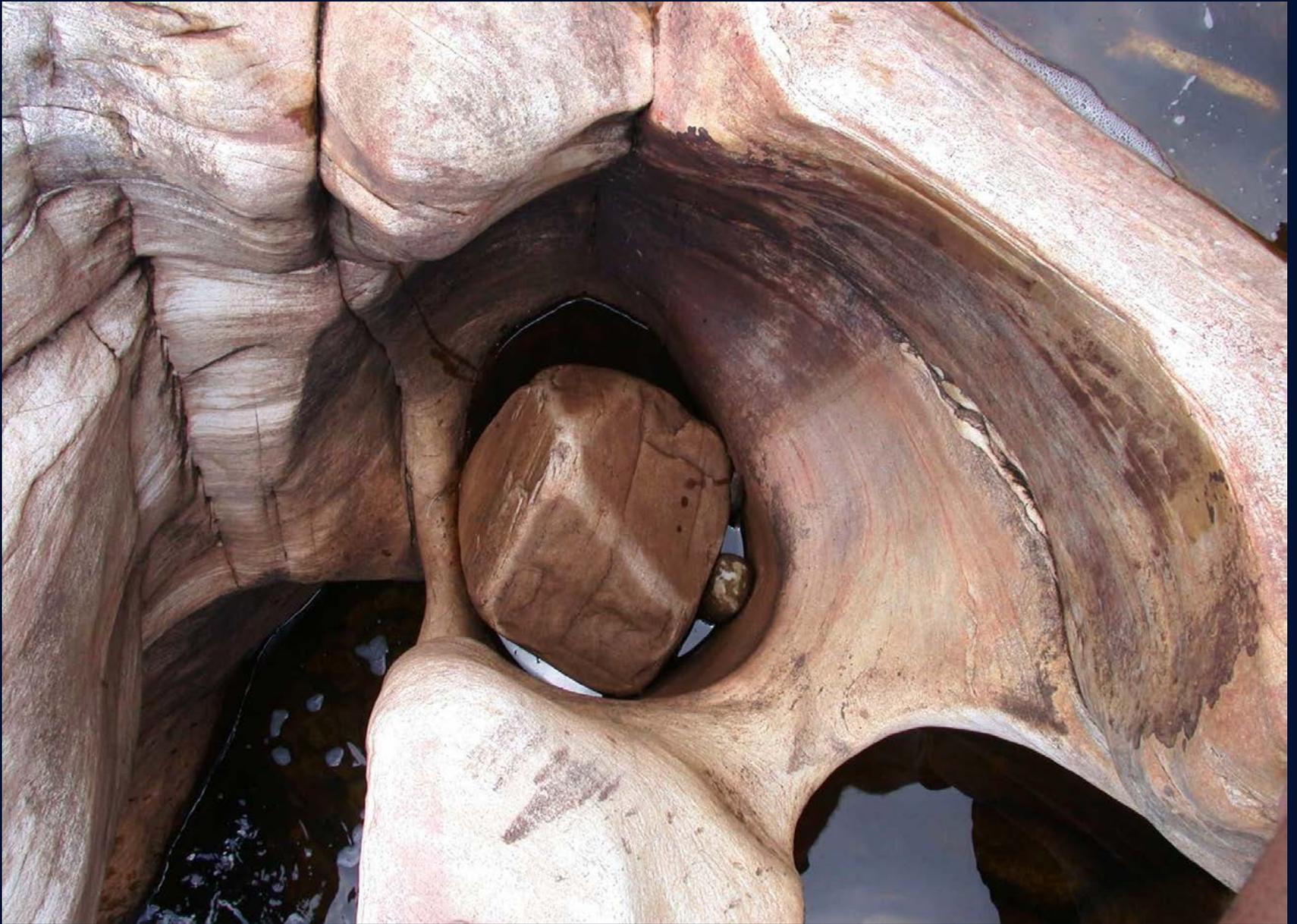












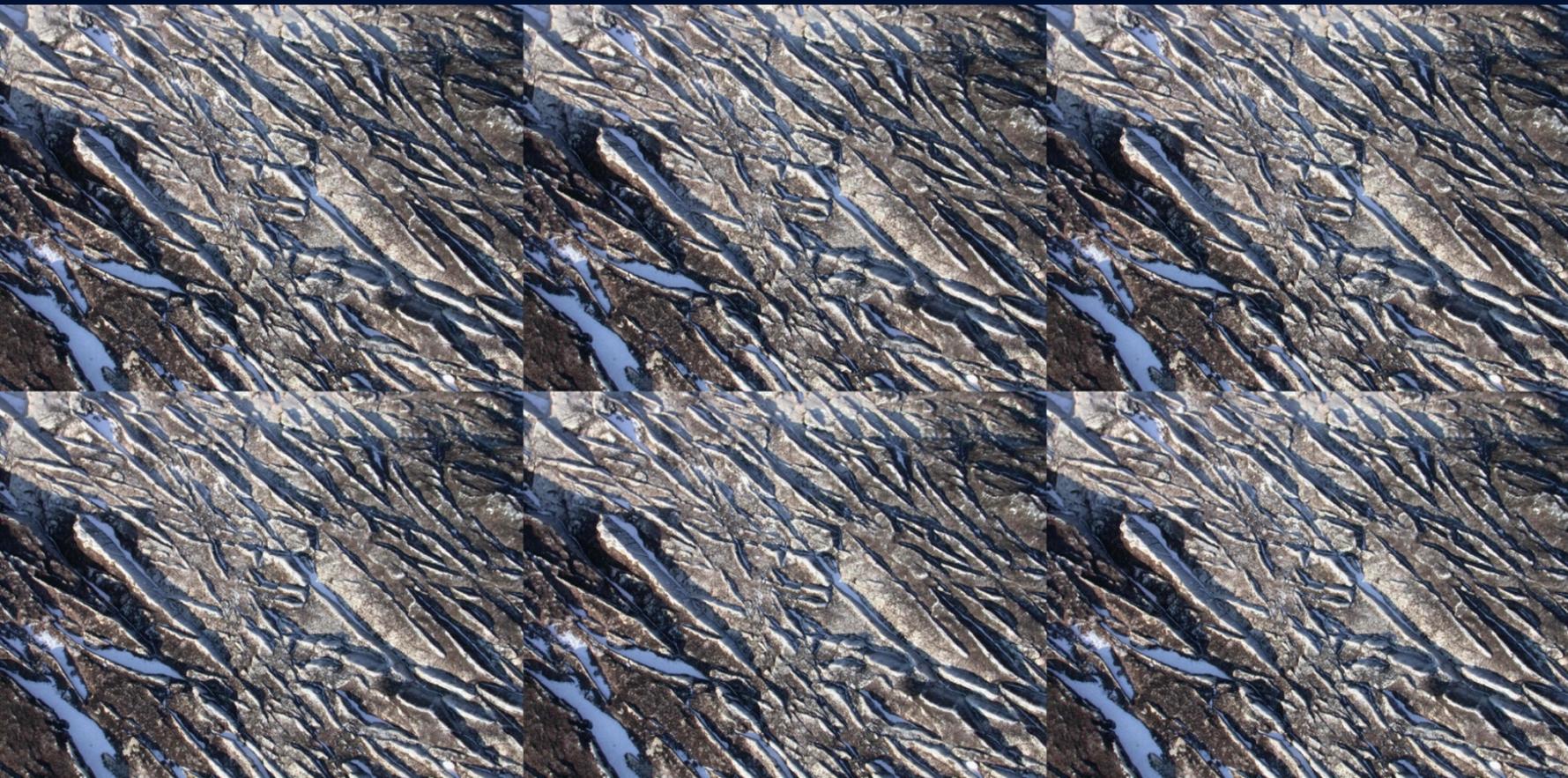




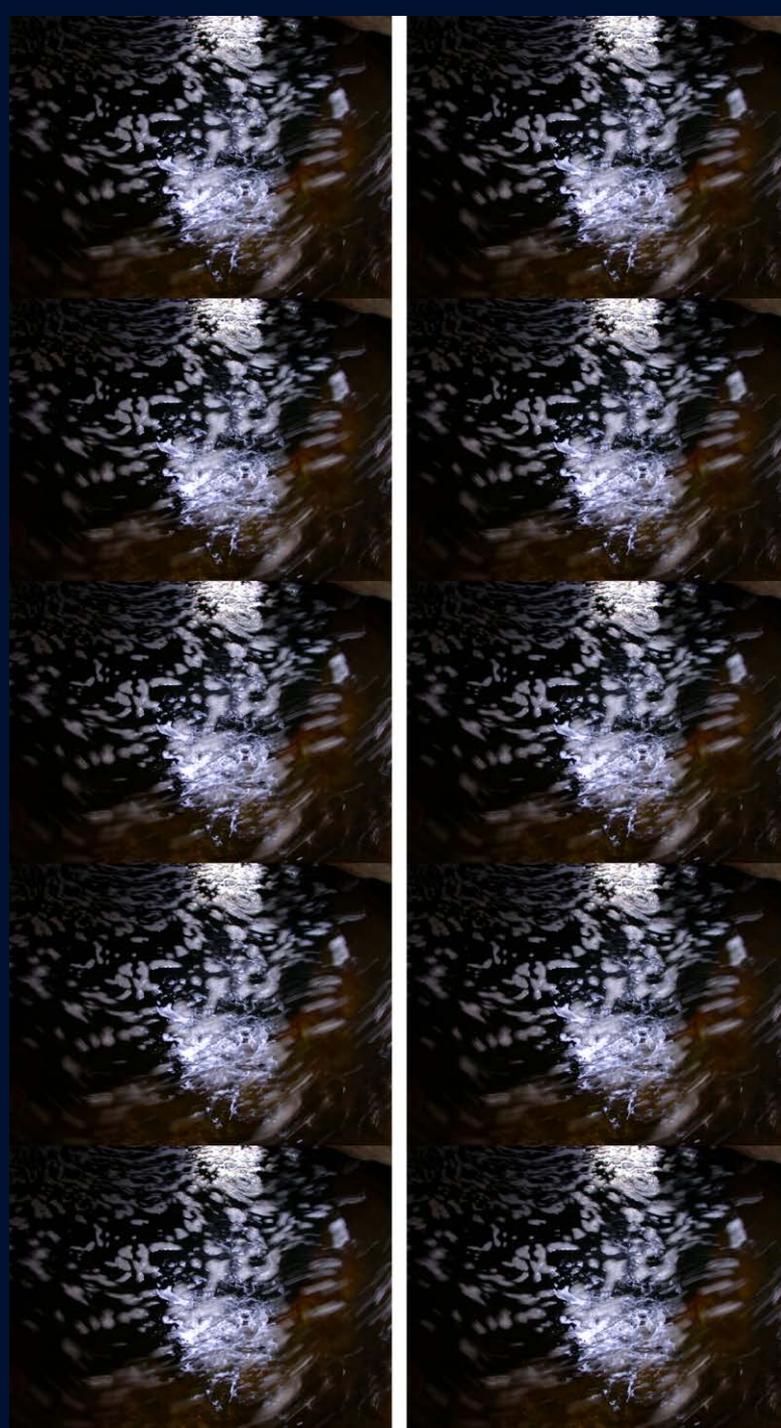




Imagens retrabalhadas









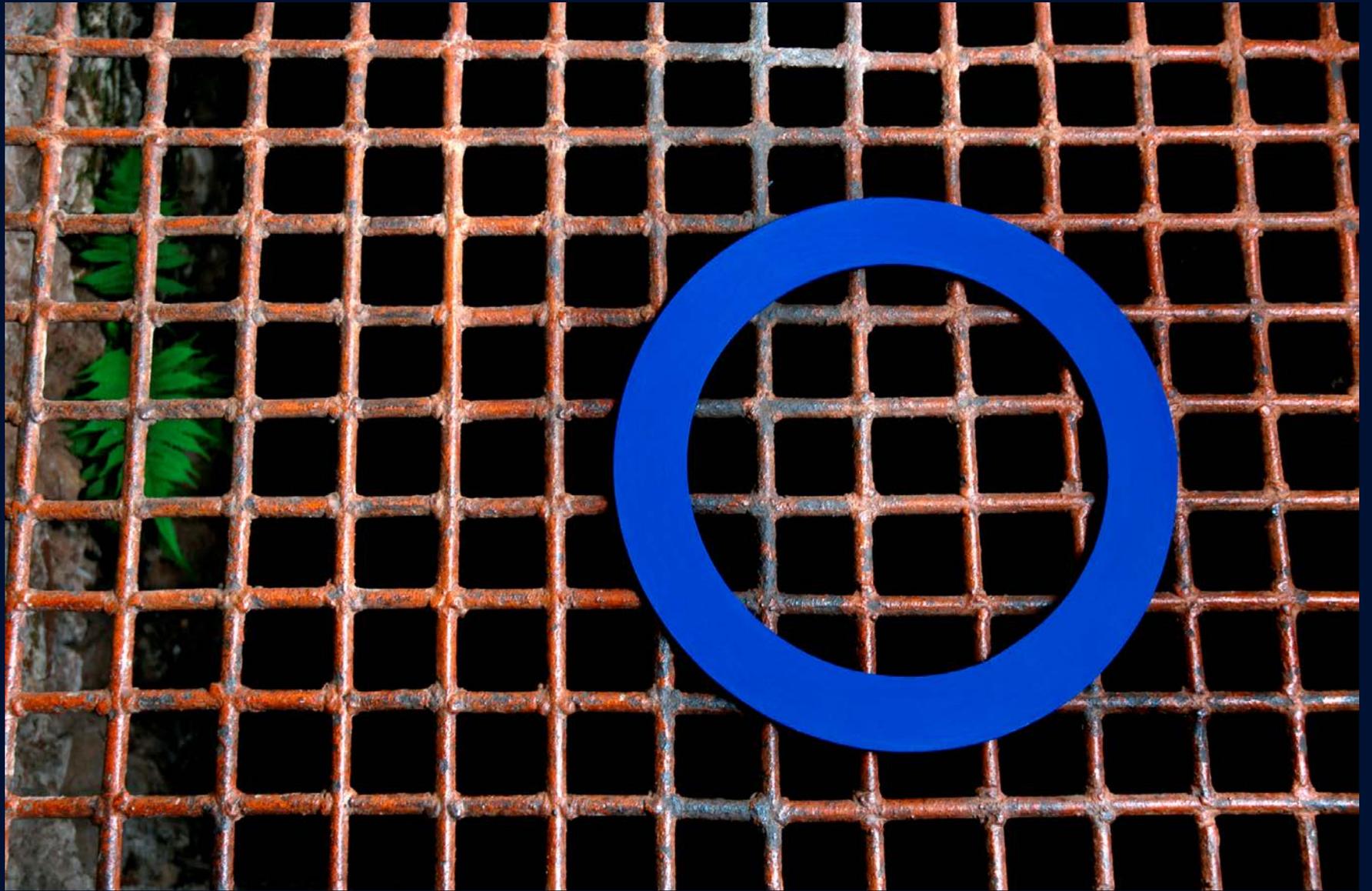
Projeto Olhar Diamantina 2005

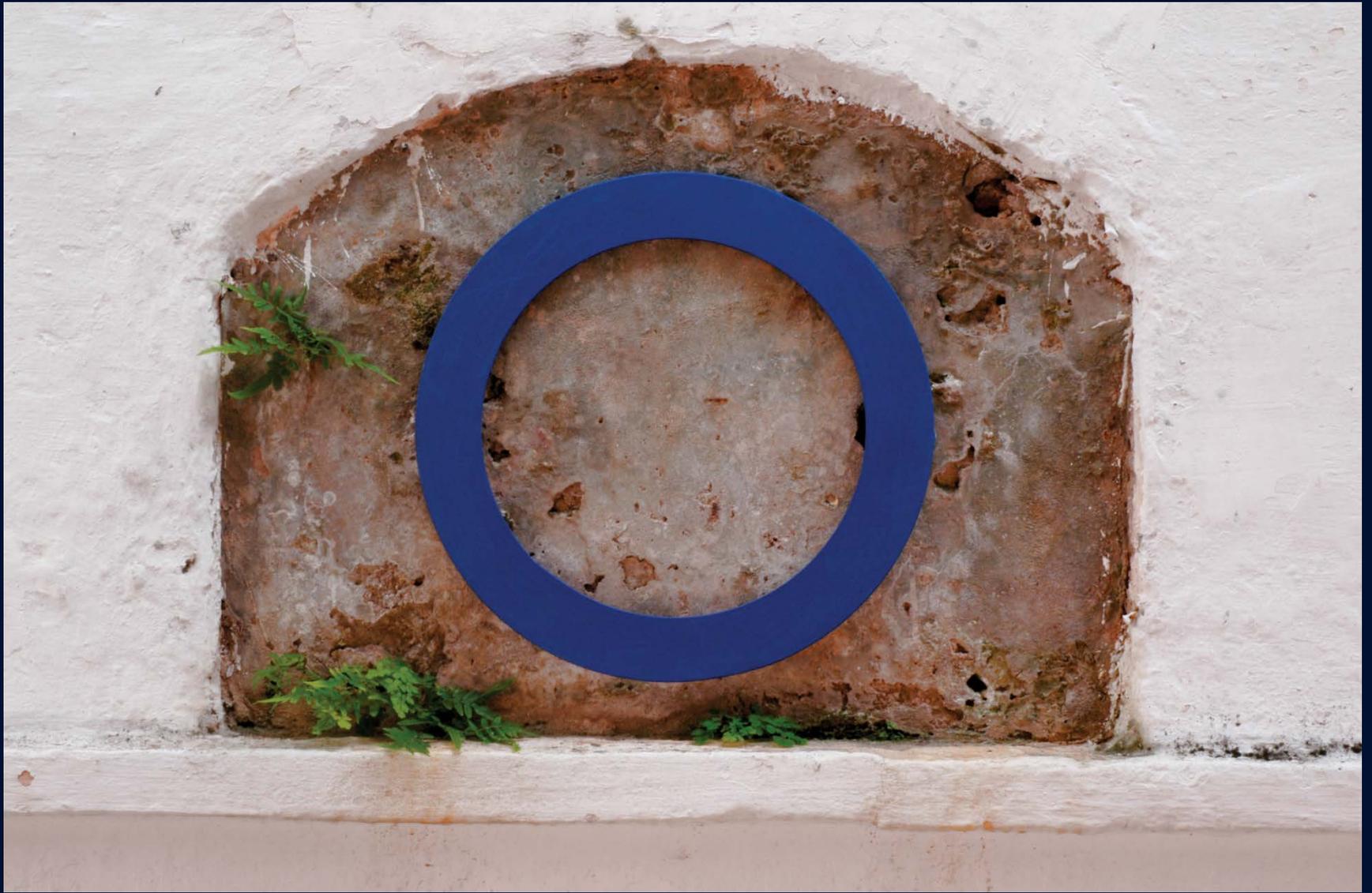
Diamantina
primeiro e segundo dia

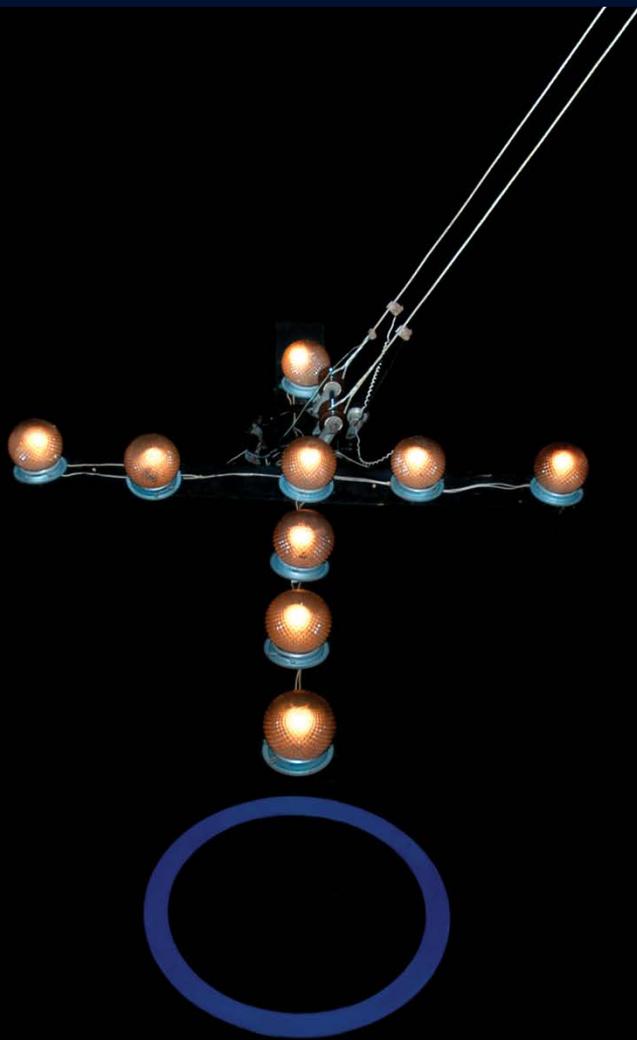






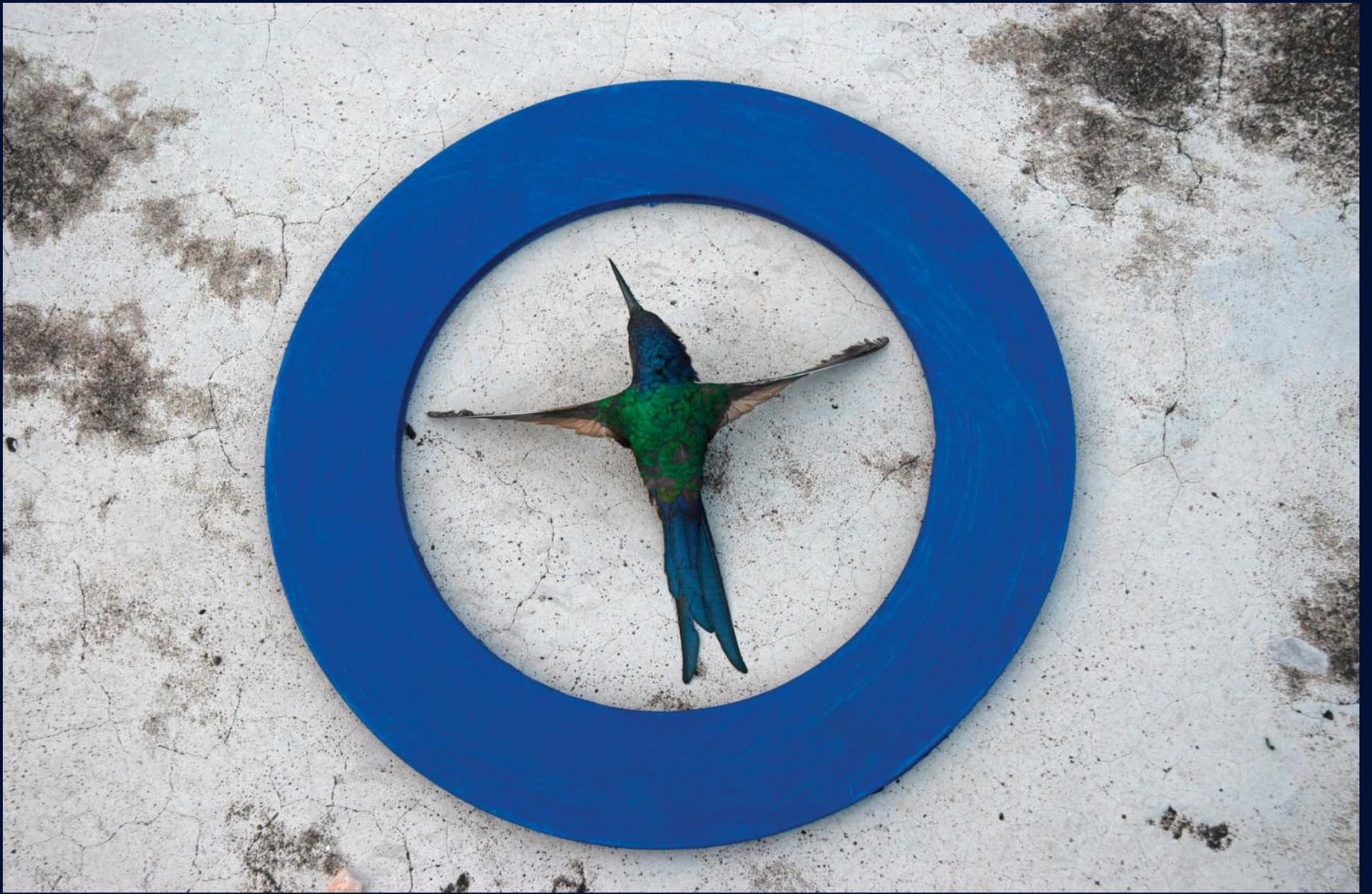






Biribiri
terceiro dia

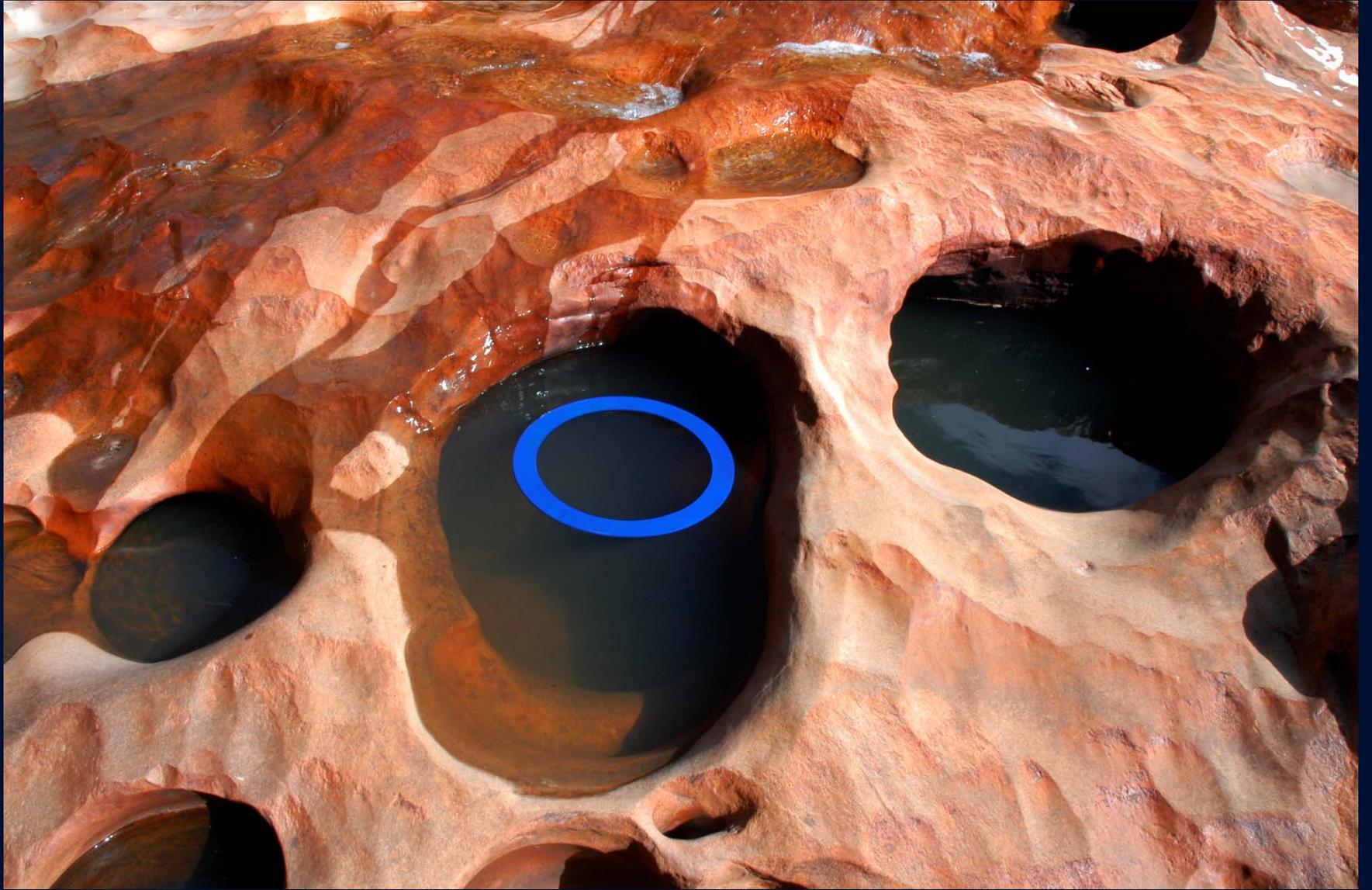




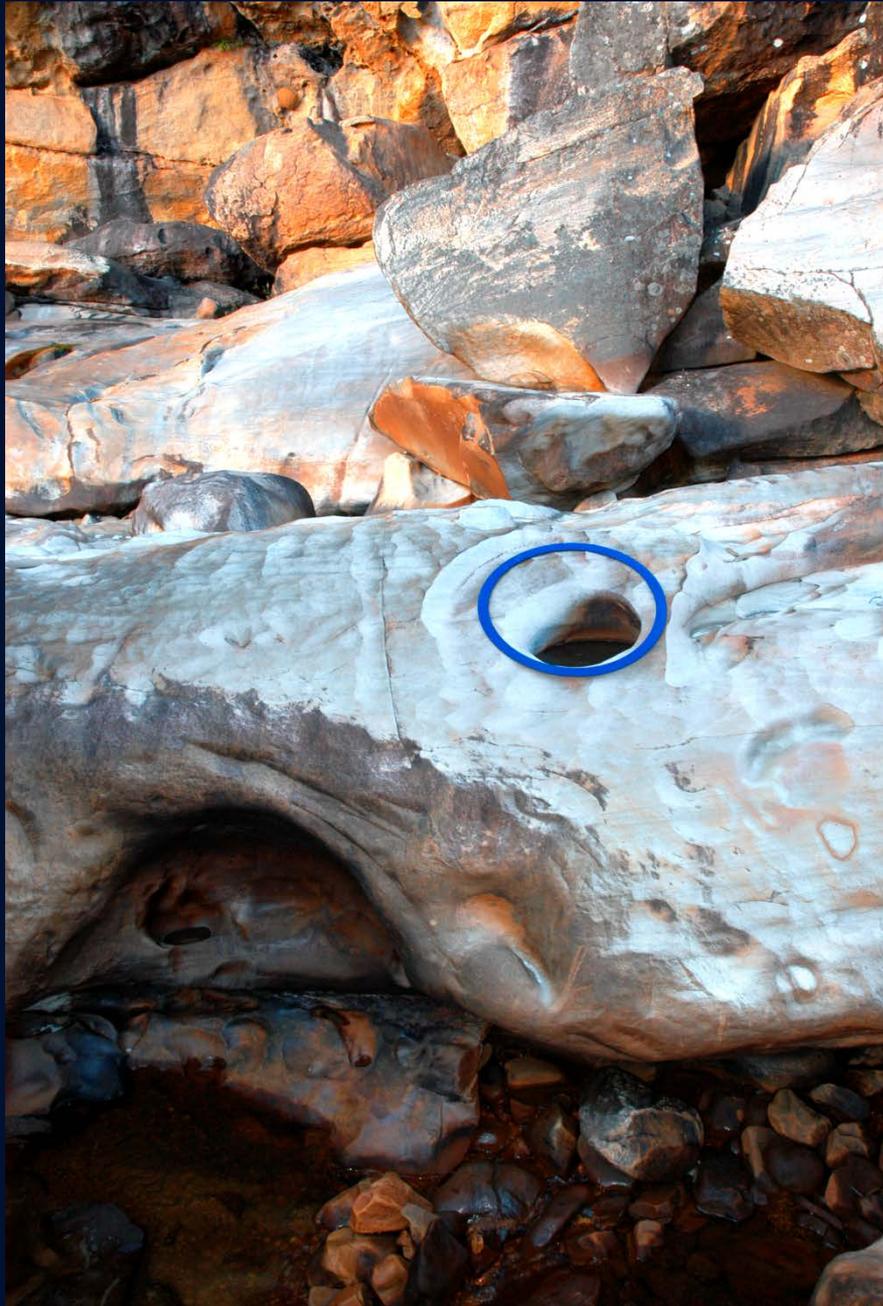




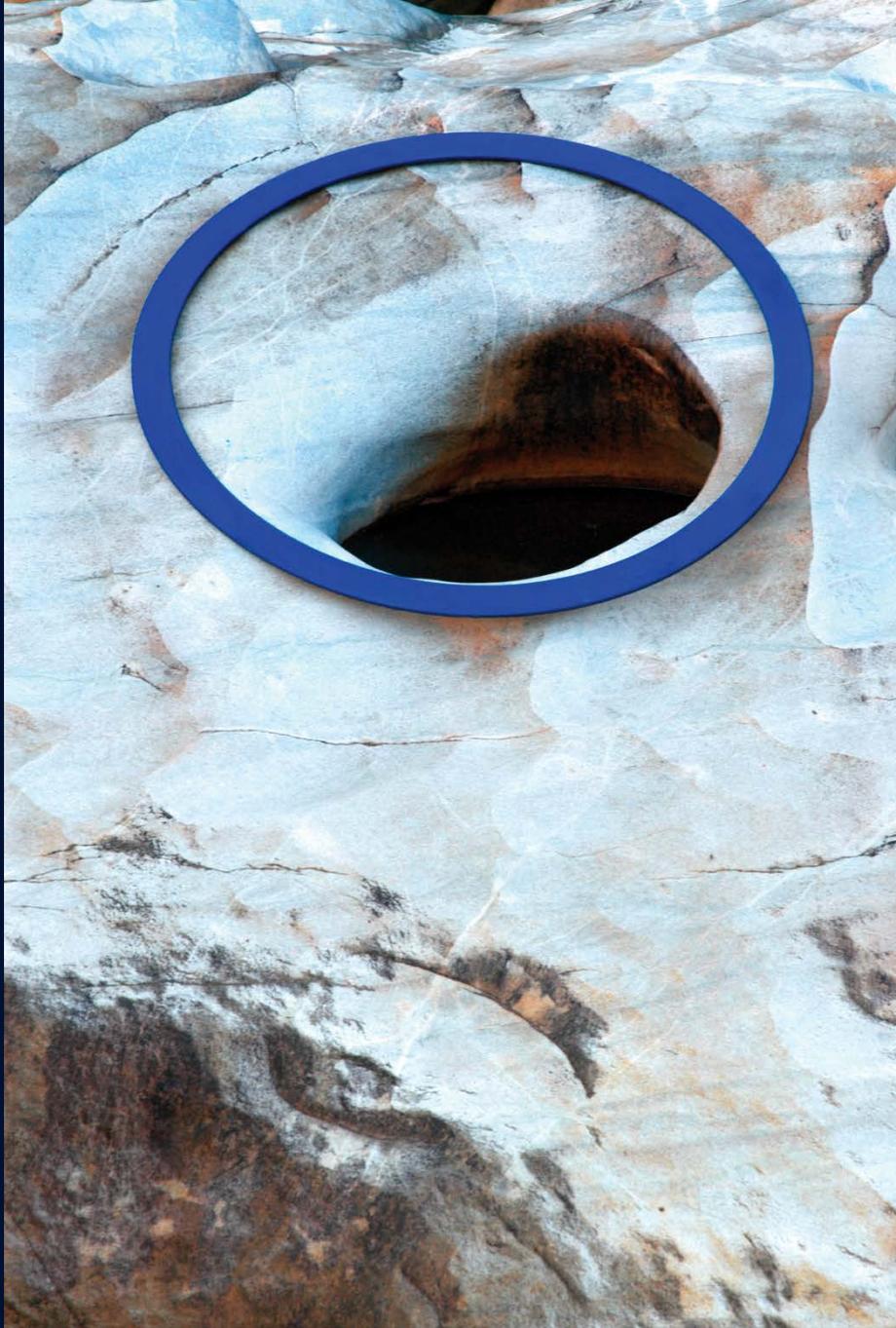












“ Escultura, quanto mais simples melhor.
Quase sempre o mais difícil.”

Amilcar de Castro